

## LINGUAGENS EM MOVIMENTO: DO VIAJANTE COMO TRADUTOR E DO TRADUTOR COMO VIAJANTE

*Leonor Sampaio da Silva*  
*Universidade dos Açores/CHAM*

A obra de Michael Cronin, *Across the Lines*, tem conhecido uma projeção assinalável em diversos autores de referência no âmbito dos Estudos de Tradução. Susan Bassnett refere-se frequentemente a este autor quando indica novos rumos na abordagem cultural à tradução. O paralelismo estabelecido por Cronin entre o viajante-escritor e o tradutor baseia-se, antes de mais, no facto de se entrever no primeiro uma dificuldade semelhante à que caracteriza a actividade do segundo. Quando o viajante se lança na aventura da escrita, espera-o o desafio de traduzir em termos verbais a heterogeneidade dos estímulos sensoriais colhidos durante a deslocação a um lugar estranho. A procura de “equivalentes verbais para experiências não-verbais” (Cronin 87)<sup>1</sup> ou para termos e expressões sem equivalência na língua materna dificulta a tarefa do viajante, decidido a transmitir aos seus conterrâneos as impressões, as emoções e o conhecimento resultantes das visitas a lugares desconhecidos. Mal-entendidos, equívocos e ilusões contaminam a mente do escritor com dúvidas e inseguranças que raramente se dissipam – antes, se agravam – com uma permanência demorada no estrangeiro.<sup>2</sup>

Aceitar a diferença linguística e cultural traz consequências

---

<sup>1</sup> A versão portuguesa de todas as citações de Cronin é de minha autoria.

<sup>2</sup> Citando Robert Guillain, um correspondente do *Le Monde* no Extremo Oriente, Cronin reproduz a seguinte afirmação: “Quand on passe huit jours en Chine on écrit un libre, quando on y reste trois semaines un article, et après un an, rien” (87).

para o viajante e para o tradutor: quanto mais o primeiro reconhece o lugar que visita como diferente da geografia de onde provém, mais consciente se torna das suas lacunas, mais dúvidas alimenta, menos capaz se sente de o descrever com exactidão; de modo semelhante, quanto mais um tradutor reconhece como diferente um texto relativamente à sua grelha de referências, mais dificuldades enfrenta ao traduzi-lo. Enquanto a crença no universalismo fomentava a expectativa de sucesso comunicativo imediato, o reconhecimento das diferenças transporta consigo a ameaça do silêncio.

Um segundo ponto em comum reforça o paralelismo entre as duas figuras: ambos representam um imperativo ético ao procurarem combater a intolerância e o etnocentrismo a partir da experiência com a alteridade. As culturas resistem a dar-se a conhecer. Tanto o tradutor como o viajante aprendem a lidar com esta resistência. O viajante experiente percebe os mecanismos que a denunciam a partir de diversos sinais, entre os quais predominam as proibições de vários tipos (a interdição de certos itinerários e de captação de imagens, por exemplo), as encenações de autenticidade *para turista ver* e a recusa por parte da população visitada em falar línguas estrangeiras. Na tradução, a mesma resistência é perceptível através de técnicas de opacidade da mensagem, sejam elas de índole formal ou de conteúdo. Nalgumas épocas e culturas, a opacidade pode tomar expressões ainda mais extremas, como a recusa em traduzir e em ser traduzido (Cronin 94).<sup>3</sup>

Finalmente, tanto o tradutor como o viajante constituem factores de renovação linguística e de mediação cultural. Percorrendo lugares textuais e físicos diferentes daqueles em que cresceram, eles nem abandonam as suas origens nem as desenvolvem em ambiente protegido. O movimento entre línguas, textos e culturas acarreta o perigo do exílio. Sem casa própria, tanto o viajante como o tradutor poderão recusar mapas e fechar os olhos a faróis. Como afirma Cronin, “a tradução só faz sentido se Ítaca estiver à vista, se houver regresso a casa na língua alvo” (Cronin 99). Para ambos a interacção cultural deverá prolongar-se além das ‘viagens’ que realizam. A chegada à língua e cultura maternas introduz novos estímulos para a mudança e renovação dos pontos de onde partiram. O seu movimento constante entre acções de partida e de chegada, as

---

<sup>3</sup> Esta recusa evidencia com frequência a consciência de a língua e a cultura se encontrarem sob ameaça de adulteração por via de elementos externos, constituindo, por conseguinte, um mecanismo de defesa.

decisões que se vêm obrigados a tomar entre sair e permanecer, observar o outro e lembrar o próprio, procurar autenticidade e resistir ao poder do estrangeiro transforma-os em figuras errantes e fronteiriças, que enfrentam permanentemente o desafio difícil de criar e manter o equilíbrio entre forças contraditórias – em suma, de alcançar a “proximidade sem fusão”, a “distância sem isolamento” (Cronin 100).

Estas dualidades, bem como o esforço em harmonizá-las, manifestam-se tanto nos textos dos viajantes aqui estudados como nas traduções a que deram origem. O relato dos irmãos Bullar não só nos fornece informação respeitante aos Açores numa época que nos é estranha como avança dados acerca da Inglaterra da primeira metade do século XIX. O conhecimento que retiramos deste livro resulta muito especialmente daquilo que não é dito de forma ostensiva, dos silêncios e dos acrescentos, das diferenças encontradas a partir da comparação entre as duas versões. A tradução portuguesa, de meados do século XX, tem excelentes soluções para casos linguísticos desafiantes e, no geral, procura ser fiel ao documento inglês escrito cerca de 100 anos antes, mas os dois livros proporcionam duas visões diferentes quer dos locais visitados quer dos autores responsáveis pelo relato.

Logo uma primeira diferença pode ser encontrada na ausência do Preâmbulo inglês, substituído pelo Prólogo do escritor açoriano Armando Côrtes-Rodrigues. Comparada com a breve nota inglesa, esta introdução, além de ser significativamente mais extensa e de cuidar de guiar os leitores para uma recepção favorável do livro, fornece informação histórica que se encontra ausente da edição inglesa. O português escolheu incluir no seu prólogo dados relativos ao ciclo económico da laranja, um período não só próspero na história económica de São Miguel, mas também propiciador de contactos comerciais próximos entre a Inglaterra e os Açores. Com isso, ele acrescenta dados sobre o contexto da viagem para benefício de uma leitura mais informada por parte dos leitores portugueses do século XX.

A principal alteração provocada pela versão portuguesa deste relato é, no entanto, a da identidade dos autores. Estes são apresentados na edição de 1841 como: “an Invalid and his companion”. O I maiúsculo de *Invalid* e a alusão vaga a um companheiro de viagem (sempre em minúsculas) encaminha os leitores para duas conclusões: que o relato foi escrito por duas pessoas e que, a haver uma hierarquia autoral entre os dois irmãos, ela aponta para «o Inválido» como autor central do relato.

Tais conclusões são contrariadas pelo prólogo da edição portuguesa. Côrtes-Rodrigues indica Henry como sendo o ‘Inválido’

e Joseph como única voz responsável pela escrita. Sugere até que a única razão para Henry figurar como co-autor do livro se deve ao facto de a viagem ter acontecido por causa dos problemas de saúde que o afligiam – “a amenidade destes ares [das ilhas]” levaram Joseph Bullar a “procurar aqui melhoras para seu irmão Henrique” (Bullar, *Um Inverno*, viii), ideia que é retomada mais tarde: “Pode ser mesmo que Joseph Bullar lhe conservasse o nome no rosto da obra em memória da viagem por ele empreendida e como preito de uma afeição fraterna” (Bullar, *Um Inverno*, ix), surgindo, de novo, assim formulada: “Se o autor nalgumas passagens usa nas narrações o plural, o que também se poderia explicar por forma literária, de muitas outras se depreende claramente que foi só Joseph Bullar quem redigiu todo este precioso diário” (Bullar, *Um Inverno*, ix).

Apesar desta convicção repetidas vezes expressa, há várias passagens em que o recurso à 3ª pessoa para se referir o médico comprova o estatuto de Henry como co-autor do livro. Comparemos duas passagens, ambas relativas a episódios ocorridos em Vila Franca. A 8 de março, escreve o médico (pág. 111 da versão portuguesa):

Esta gente já descobriu a minha profissão e como os médicos são muito considerados pelos açorianos, não havendo nenhum nesta vila, parece-me que tenho de dar consultas a todas as pessoas portadoras de doenças, nesta parte da ilha.

Dias depois, a 13 de abril, a voz que descreve a partida de Vila Franca, refere-se ao médico de forma diferente (pág. 129 da versão portuguesa):

Muita gente compareceu à despedida. Na escada havia uns vinte doentes, atropelando-se à espera da consulta do «senhor médico» e misturando ruidosos agradecimentos com rogos, à medida que se acotovelavam para dele se aproximarem quando este chegou à rua.

Não há dúvida de que esta entrada foi escrita pelo irmão que não era médico, notando-se através destes exemplos um sinal claro de uma escrita em que participam duas vozes. Apesar destes indícios, Joseph Bullar é de tal forma elogiado nas suas qualidades pessoais e profissionais, na sua erudição e no seu “natural pendor artístico” (Bullar, *Um Inverno*, ix) que não só se recusa a Henry a co-autoria do livro como se atribui a Joseph a responsabilidade pelos desenhos que o ilustram. O retrato dos autores presta-se, assim, à troca de identidade que faz que,

na versão portuguesa, se atribua a invalidez a Henry e o talento artístico a Joseph. Como demonstrou Kathleen Mundell de Calado em “Prescription, description: a doctor-invalid and his brother explore the Azores”, era Henry o artista a quem se terão devido muitas das ilustrações do livro, e Joseph, o médico, era quem tinha as pernas paralisadas. Henry Dayman, um colega de Joseph Bullar, membro da Associação Médica de Southampton, escreveu um texto no ano da morte deste (1869) em que o mostra como um profissional dedicado e um homem de muitos talentos, entre os quais se conta a crítica de arte, mas não a prática artística. No entanto, o Prólogo de Côrtes-Rodrigues leva-nos a fazer dele uma imagem diferente. No final deste paratexto, somos levados a pensar que o médico não só fora o autor exclusivo do relato e o único ilustrador dos esboços, como viajava sozinho: “Quando Joseph Bullar parte de São Miguel a caminho de Lisboa leva os olhos deslumbrados pela beleza desta terra...” (Bullar, *Um Inverno*, xx).

Outras diferenças entre as duas versões prendem-se com a supressão de ilustrações que constam do original – num total de 11; noutros casos, mantém-se a ilustração, mas modifica-se a legenda. Uma observação atenta à selecção que aparece na versão portuguesa mostra-nos que há 12 gravuras relativas à ilha de São Miguel e apenas duas respeitantes às restantes ilhas do arquipélago – destas duas escolheu-se uma referente ao Pico, outra ao Corvo; em ambos os casos o motivo visual representando as ilhas é o elemento feminino e jovem da população: as raparigas indo buscar água à fonte e ao poço. São excluídas ilustrações de paisagens (a vista de Santa Cruz das Flores e do Faial visto do Pico), bem como o lado mais negro da sociedade açoriana: a prisão, os mendigos.

Além disso, faz-se questão de se fornecer informações precisas sobre as ilustrações micaelenses: elimina-se a dúvida ou a ambiguidade, para se deixar claro que se trata de uma ilustração referente à ilha de São Miguel. Nalguns casos, o desejo de deixar informação detalhada sobre uma ilustração relativa ao contexto micaelense vai ao ponto de se inserir informação que só poderá interessar a um natural desta ilha, por só ele a compreender, e chega-se até a criar uma legenda para uma ilustração que, na versão original, surge sem qualquer mensagem verbal.

Os responsáveis pela edição portuguesa puseram texto onde ele não existia e eliminaram-no de onde ele estava. Há dois tipos de exclusões que são notados com muita clareza. Um deles é a exclusão de diversas notas de rodapé, como, por exemplo, uma relativa ao estado de degradação em que se encontra um jardim no Faial, outra apresentando diversas opiniões sobre a altura

do Pico e comparação com uma montanha em Tenerife, outra ainda sobre as leis penais contra a vagabundagem nos Açores ou a comparação das águas gasosas do arquipélago com outras na América e na Ásia. O elemento comum às notas eliminadas é o facto de elas dividirem a atenção entre o arquipélago e outras regiões do planeta ou de chamarem a atenção para o lado menos luminoso da sociedade açoriana. Há ainda exclusões de passagens citadas de autores estrangeiros em nota de rodapé.

Outro caso de exclusão muito significativo é o das epígrafes que abundam na versão inglesa e que não foram reproduzidas na edição portuguesa. A versão inglesa inclui sempre uma ou mais citações no início de cada capítulo. Os autores citados são quase todos poetas ou teólogos britânicos e, de entre os britânicos, há um grande número de ingleses, nomeadamente, os principais nomes da literatura: William Shakespeare, William Wordsworth, Robert Southey, John Milton, *Sir* Walter Scott e alguns clássicos europeus, como Cervantes, Homero, Horácio e Virgílio. Apesar de reconhecermos estes nomes, muitos outros, embora constituindo uma referência literária para qualquer inglês culto da época, ainda são completamente desconhecidos do público português. Incluem-se neste grupo os casos de James Boswell, Thomas Browne ou Cayley Shadwell. A obra deles seria, porém, familiar a qualquer membro das elites letradas britânicas. Cientes disso, os irmãos Bullar frequentemente omitem a autoria dos excertos reproduzidos nas epígrafes. Na versão portuguesa, tais exclusões mostram a distância a que o leitor-alvo de meados do século XX (para não falar dos seus avós oitocentistas) estava dos leitores anglófonos. Além da distância cultural entre as duas comunidades de leitores, a exclusão das epígrafes revela pouco interesse em preservar informação desconhecida da tradição cultural do arquipélago.

A versão portuguesa do livro dos Bullar mostra, assim, o poder de recriação das traduções. Nota-se nela um cuidado particular em tornar o texto especialmente perceptível à audiência micalense e em higienizá-lo de tudo quanto possa pesar no esforço de leitura da comunidade de destino. Mais do que imputar faltas ou sublinhar desvios, importa compreender a razão de ser destas decisões e tentar extrair conclusões, a partir delas, acerca da natureza das interacções possíveis entre os dois povos que se encontraram no meio do Atlântico. A exclusão das epígrafes no início de cada capítulo comprova o que os estudos das bibliotecas dos açorianos cultos dessa época demonstram: que a principal influência cultural no arquipélago era francófona e não anglófona, o que poderá explicar a decisão de omitir um conjunto de passagens religiosas ou literárias que pouco

diriam à comunidade de leitores portugueses. Esta conclusão é secundada por uma passagem do relato dos Bullar na qual se identificam os livros encontrados numa casa micaelense: uma edição francesa de Virgílio, uma versão em francês das odes de Horácio em prosa, uma tradução francesa de Ésquilo, uma gramática da língua francesa, a par de outras duas de português e de latim, além das inevitáveis obras teológicas e demais leituras de um provável estudante de Teologia (Bullar, *Um Inverno*, 146).

Se a versão portuguesa exclui o legado cultural dos autores ingleses é porque ofereceu resistência à estratégia autoral dos ingleses de completar o retrato das ilhas e da população açorianas com marcas da sua própria identidade cultural. Ao excluir as intromissões estrangeiras no relato que se debruça sobre a sua própria cultura, o texto de chegada reforça a impermeabilidade desta a contaminações externas. Os ingleses trazem a sua identidade cultural para o interior da escrita de viagens; o português (tradutor e/ou editor) expulsa os intrusos estrangeiros na reescrita que faz da realidade insular.

Cada uma das estratégias discursivas adoptadas (admitir no relato vozes diferentes ou excluir do relato vozes diferentes) tem sempre o efeito de chamar a atenção para a cultura de origem de quem escreve e de atenuar a visibilidade da cultura diferente. Acresce a isto o mérito de representar o abismo cultural que separa os escritores ingleses do século XIX dos leitores portugueses do século XX.

A plêiade de vozes literárias convocadas pelo texto de partida está patente, não só nas epígrafes, como também nas inúmeras citações ao longo dos capítulos, as quais reforçam a conversa que os autores mantêm com as suas origens culturais. A propósito do modo de vida açoriano, de uma paisagem, de um traço específico da população, das características do clima, das práticas religiosas, das condições de pobreza, dos hábitos alimentares, dos comportamentos sociais, etc., chega-nos invariavelmente a lembrança dos sons, das vistas, das cores, das temperaturas, dos costumes e dos rituais britânicos. Nota-se nestes clarões da cultura de origem o orgulho das raízes nacionais. A publicação dos diários do 'Inválido' é, neste contexto, uma extensão do duplo movimento de sair e de permanecer em casa, constituindo simultaneamente, uma forma de homenagear a tradição literária nacional e de partilhar com os conterrâneos as experiências e o saber colhidos numa terra estrangeira. De igual modo, a publicação da tradução portuguesa assume a forma de homenagem à ilha e de partilha com os conterrâneos das impressões dos visitantes vindos de outras paragens.

A importância cultural destes livros, sobretudo quando lidos

em paralelo, permite ainda contrariar suspeitas sobre a hipotética desnecessidade de leituras nas versões originais sempre que esteja disponível uma versão traduzida. A existência de uma versão em português não dispensa a leitura do original, pois a versão portuguesa não é nem uma repetição completamente fiel à inglesa nem uma invenção completamente diferente dela; é uma reescrita de um texto destinado, agora, a uma audiência diferente, açoriana, pelo que, nalguns casos, configura vivências e anseios regionais se não explicitamente micaelenses.

Um segundo relato de uma viagem ao arquipélago dos Açores, desta feita escrito por um americano, reforça a relevância destas narrativas como documentos em que a viagem e a tradução se aliam na observação e tentativa de compreensão da alteridade cultural. Enquanto tradutora da versão portuguesa de *Visit to a Volcano*, de Silas Weston, revejo-me nas palavras de Michael Cronin. Desempenho uma função semelhante à do autor: transiro para uma comunidade com quem partilho a mesma língua materna os resultados de uma observação atenta às diferenças entre o que me é familiar e o que me é estranho, analiso o local e o distante, busco a autenticidade no objecto observado e nas ferramentas de que disponho para dele dar notícia. Apercebo-me de quanto este olhar que veio de fora não só me ajuda a compreender como eram os Açores do passado, mas também como eram aqueles que nos observaram naquele tempo. Por outras palavras, realizo a acção descrita no título da versão portuguesa do relato de Silas Weston: observar quem nos observou. Observo Silas Weston, viajante-escritor e a comunidade americana de onde ele provém.

Uma das primeiras ilações que tiro a respeito daquele que observo permite-me situá-lo culturalmente numa relação de dependência de modelos britânicos. Chego a esta conclusão a partir de várias referências. Em primeiro lugar, evidencia-se o modo como ele se refere aos Açores – as Ilhas Ocidentais –, uma designação incompatível com a localização do arquipélago quando observado a partir da América. Falar dos Açores como sendo as ilhas ocidentais diz muito acerca da posição da cultura americana em meados do século XIX. Situado a ocidente da Grã-Bretanha, o arquipélago era perspectivado como sendo um conjunto de Ilhas Ocidentais do ponto de vista da observação – e do discurso – britânicos. Que os americanos adotem esta expressão estando eles localizados a ocidente dos Açores revela o quanto a América ainda se regia por modelos britânicos em meados do século XIX.

A supremacia do elemento inglês manifesta-se noutros momentos. Tal como os irmãos Bullar, a viagem de Silas Weston



convoca uma série de memórias relacionadas com a sua cultura de origem. Também ele faz citações de textos que conhece. Tendo escrito um relato mais curto, são também menos numerosas estas citações; no entanto, elas incluem autoridades científicas e religiosas. Há, por exemplo, a inclusão de dois versos de um hino religioso, de autoria de um teólogo inglês que constitui uma referência na música religiosa em língua inglesa, Isaac Watts, intitulado *A Prospect of Heaven Makes Death Easy*.

Apesar de pouco conhecido em Portugal, Isaac Watts é uma figura central da cultura anglo-americana. A sua influência foi enorme e estendeu-se muito além do tempo e do lugar em que ele viveu. Na América, onde os seus hinos constituíam um factor de coesão religiosa por entre os protestantes, vários dos seus versos encontraram acolhimento não apenas nos espaços religiosos de culto mas também nas obras mais marcantes da literatura americana. É o caso dos versos que Silas Weston inclui no seu relato:

Sweet fields beyond the swelling flood  
Stand dressed in living green.

Estes versos evocam Canaã, a Terra Prometida por Deus a Abraão, no contexto de uma mensagem de esperança após o dilúvio. Podemos lê-los no capítulo XXII daquela que é considerada por muitos a obra-prima da literatura norte-americana, *Moby Dick*, de Herman Melville. No relato da viagem de Silas Weston aos Açores, eles são proferidos no contexto de uma recompensa divina – é o avistar do Faial que traz à memória de um companheiro de viagem (curiosamente, um céptico em matéria de religião) estes versos. O facto de ser um céptico a citá-los vem provar a extensão do conhecimento que havia dos hinos de Watts, mesmo por entre agnósticos e ateus. Um paraíso na Terra – eis a primeira impressão que os passageiros do *Perseverance* têm destas ilhas. E o modelo a que se recorre para expressar a beleza da terra observada do mar é inglês, não americano.

Há um outro exemplo de escrita poética no relato de Silas Weston, desta feita, provavelmente da autoria do próprio Silas (não se sabe se com a ajuda da mulher, Mary Weston, que tinha ambições literárias). A observação do cenário arrebatador da vista do cume do Pico dá azo a este exercício poético, da mesma forma que o desejo de fornecer informação rigorosa sobre as ilhas visitadas conduz à consulta de referências científicas incontestadas em matéria de geologia e vulcanismo. Silas Weston esforça-se por dar informações completas e exactas acerca da morfologia e características geológicas de todos os lugares que

visita. Os elementos demográficos não lhe prendem a atenção. Do mesmo modo, as referências históricas são escassas. Já as distâncias entre os lugares, as dimensões das crateras, a extensão dos trilhos, a altura das montanhas ocupam-no e interessam-no sobremaneira. Mas, mais uma vez, as fontes científicas que Weston cita são europeias: um alemão e vários ingleses. Nenhum americano. Aliás, enquanto editor de um jornal escolar, ele indicara, num artigo sobre o lugar que as várias nações ocupavam do ponto de vista do conhecimento científico, a Grã-Bretanha como ocupando o lugar cimeiro, seguida da França e da Alemanha (Riley 120). Portugal ocuparia, segundo Weston, os últimos lugares deste escalonamento, ao lado da Turquia, da Polónia e da Noruega. Evitando a humilhação de não estar entre os três primeiros, a América cola-se ao pódio, colhendo todo o seu conhecimento dos primeiros três posicionados.

O lugar de Portugal no respeitante ao domínio da ciência acompanha a impressão geral que o visitante tem de estar a visitar uma região 100 anos atrasada em relação à América. Tudo apresenta uma qualidade inferior: os alimentos, as habitações, as alfaias agrícolas, os transportes. Vários episódios convergem no retrato de uma população que é, sobretudo nas faixas mais pobres, ignorante, maltrapilha e pouco honesta. Os americanos divertem-se com práticas que hoje nos chocariam, como atirar fruta no mercado do Faial para se rirem do espectáculo proporcionado pelos mendigos a lutar por ela caindo em caoticamente uns sobre os outros. Os pedintes e os guias são os principais visados do humor zombeteiro do autor que, à semelhança dos irmãos Bullar e de Mark Twain, detecta nos açorianos uma propensão para a manha e a mentira.

Não só neste campo, Silas Weston e Mark Twain apresentam traços comuns. Os dois americanos encontram especial interesse em reproduzir a agramaticalidade dos estrangeiros que se aventuram a falar inglês. Weston repete os erros dos guias e dos pedintes açorianos, da mesma forma que Twain ironiza com os embaraços linguísticos dos faialenses. É de salientar, apesar disso, o esforço que ambos manifestam em atenuar o abismo linguístico e cultural que separava americanos e portugueses. Romper a opacidade obriga a procurar soluções criativas para a incompreensão linguística.

Encontramos ainda menos páginas dedicadas ao arquipélago por parte de Twain do que as que constituem o relato de Weston. Twain saiu da América em 1867 com a intenção de visitar a Europa e a Terra Santa. Dos apontamentos da viagem resultou *The Innocents Abroad* (1869), de que foi publicada uma versão portuguesa em 2010, com o título *A viagem dos*

*inocentes* (tradução de Margarida Vale de Gato). Recorde-se que a paragem no Faial não estava prevista e que foi forçada pelo estado do tempo, que não permitiu a visita a São Miguel. A permanência no arquipélago dos Açores foi ainda mais curta do que a de Silas Weston, mas durou o suficiente para merecer algumas páginas críticas e humorísticas no longo relato escrito pelas suas mãos “inocentes”.

Enquanto Weston e os Bullar moderam a sensação de superioridade com uma exaltação sincera da beleza das paisagens açorianas (chega-se a afirmar no relato de Silas Weston que o espectáculo proporcionado pela paisagem açoriana é mais imponente do que o oferecido pelas cataratas do Niágara), Mark Twain consegue apresentar a uma luz suja até aspectos que, interpretados sob outra perspectiva, poderiam ser favoráveis à população visitada.

Partilhando com os demais viajantes-escritores a tendência para falar de si e das suas origens a propósito da observação da diferença cultural, o que ressalta como mais original nas páginas que Twain escreveu sobre os Açores é o modo como o contacto com outras línguas oferece ao autor a oportunidade de recriação linguística no interior do seu próprio sistema materno. Geralmente os exercícios verbais realizados por Mark Twain resultam do mau inglês dos povos visitados. Se bem que esta seja uma circunstância aproveitada por um grande número de viajantes estrangeiros quando confrontados com o desconhecimento da sua própria língua, é em Mark Twain que esta circunstância assume contornos mais criativos, especialmente presentes nas páginas em que se descrevem os encontros com os exasperantes guias franceses e italianos.

No caso dos Açores, um caso de incompreensão linguística retratado no episódio do passeio de burro pelo Faial demonstra como a tradutora, apesar de ser uma falante nativa do português, se embaraçou com as dificuldades sentidas pelo americano em compreender o muleteiro faialense. A incompreensão persiste tanto no inglês, como na tradução portuguesa; apesar disso, uma leitura comparada das duas versões oferece a informação que faltou ao viajante e à tradutora. Leia-se a passagem em causa (Twain, *A viagem*, 68):

Não era um trote, nem um galope, mas antes uma debandada feita de todos os passos possíveis e imaginários (...) Cada burro tinha um muleteiro e ainda uma dúzia de voluntários que batiam no burro com as suas canas e os espicaçavam (...) e berravam uma coisa que soava a «Sekki-i-ah» (...) E aqueles maltrapilhos estavam todos apeados, sem que isso fizesse diferença, porque iam

sempre a tempo, capazes de ultrapassar um burro e de o matar de cansaço (...)

Blucher disse ao muleteiro:

– Pronto, já chega. A partir daqui a ver se vai mais devagar.

Mas o tipo não sabia inglês e não percebeu, pelo que se limitou a dizer:

– Sekki-i-ah!

E o burro saiu outra vez disparado que nem um tiro.

O elemento desconcertante nesta passagem é o termo *Sekki-i-ah*. Nenhum falante açoriano consegue identificá-lo como pertencente ao léxico português, muito menos chegar ao sentido por trás deste arranjo de letras invulgar se não se tentar colocar no lugar do americano, ou seja, se não pronunciar estas sílabas segundo as regras da pronúncia inglesa. Twain procurou transcrever o mais fielmente possível o som que ouviu, recorrendo, para tal, às regras de pronúncia que conhecia. Quem está familiarizado com a língua inglesa, sabe que o [e] se pronuncia como se fosse [i]. A leitura em voz alta permite compreender que aquilo que Twain ouviu e procurou reproduzir foi *Siga!* dito com o sotaque próprio das ilhas do Grupo Central – algo que, numa transcrição fiel ao sistema português, poderia aparecer como *Si-guia!* Seria mais fácil ao leitor português alcançar o sentido pretendido de *si-guia*; *sekki-i-ah* é-lhe totalmente incompreensível, excepto quando lido através das lentes da língua inglesa.

Este episódio corrobora o paralelismo traçado por Michael Cronin entre os autores de textos de viagens e os tradutores. O viajante procurou reproduzir com autenticidade o som da palavra estrangeira, mas o desconhecimento linguístico originou dificuldades igualmente sentidas pela tradutora. Ambos recorreram a estratégias possíveis na busca da autenticidade pretendida: transcrever o som (indecifrável, para um falante americano) de acordo com as regras de pronúncia conhecidas (Twain); importar para a versão portuguesa o resultado (indecifrável, para uma portuguesa) daquela transcrição. Nenhum dos dois foi bem sucedido isoladamente, mas a leitura comparada das duas versões poderá levar os leitores portugueses a compreender o sentido do termo e, por conseguinte, a construir uma ponte mais segura entre as duas línguas e culturas a partir das diferenças que as tornaram estranhas e, mesmo, incompreensíveis.

Estas três narrativas são, assim, ilustrativas do pensamento de Michael Cronin no respeitante às figuras do viajante-escritor e do tradutor. As três obras analisadas neste estudo partilham um ponto de partida comum: o da viagem. Sem ela, os

relatos dos viajantes não teriam sido possíveis. Por seu turno, a intenção subjacente a qualquer tradução é fazer o 'original' viajar para outras terras. Quanto mais um texto viajar, mais ele adquire direitos de cidadania por todo o mundo e mais fertiliza a criação de novos 'originais'. A viagem é, assim, um motor fundamental de exercícios linguísticos e literários, assumindo uma importância acrescida no trabalho do viajante escritor e do tradutor. Se a contemplação de parcelas não familiares do mundo ofereceu matéria para os autores destes escritos, inspirados pelas imagens de alteridade, convocarem a memória literária dos seus países (como acontece no caso dos Bullar), testemunharem o peso de influências culturais externas, como encontramos no relato de Silas Weston, ou adestrarem a sua veia humorística, como se verifica no livro de Mark Twain, a tradução dos relatos destes viajantes levou mais longe a movimentação das linguagens, transportando informações científicas, imagens poéticas, ironias e humor.

Redigidos a partir de uma geografia e língua estranhas com destino a uma geografia e língua familiares, os relatos de viagens mostram os diversos matizes dos encontros pluriculturais e revelam as semelhanças entre as figuras do autor e do tradutor enquanto mediadores culturais. Ambos se movem entre línguas e culturas, põem-nos em contacto com o desconhecido, procuram traduzi-lo em termos que permitam à comunidade de chegada compreendê-lo e contribuem para o conhecimento recíproco dos povos. Lidos a esta distância temporal, os relatos aqui recordados mantêm um interesse que não envelhece nem sob o efeito do tempo, nem por acção da tradução. Pelo contrário, comprovam como a pluralidade de vozes enriquece a nossa experiência de literacia e nos ajuda a actualizar o conhecimento de épocas passadas. Por último, sai também consolidada uma visão do tradutor como figura próxima do autor.

## **Bibliografia**

- Bullar, Henry and Joseph. *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*. Tradução de João Hickling Anglin, introdução de Armando Côrtes-Rodrigues. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2001 [1949].
- *A Winter in the Azores, and a Summer at the Baths of the Furnas*. London: John Van Voorst, 1841.
- Calado, Kathleen Mundell de. "Prescription, description: a doctor-invalid and his brother explore the Azores." *Actas IX Encontro AEAA*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1988. 69-78.

- Cronin, Michael. *Across the Lines: Travel, Language, Translation*. Cork: Cork University Press, 2000.
- Riley, Carlos Guilherme, Leonor Sampaio da Silva e Ricardo Manuel Madruga da Costa. *Um observador observado. Edição comentada e traduzida da obra de Silas Weston, Visit to a Volcano or What I Saw at the Western Islands*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2013.
- Twain, Mark. *The Innocents Abroad or the New Pilgrims Progress*. New York: Signet Classics / Penguin Putnam, 1980 [1869].
- *A Viagem dos Inocentes ou a Nova Rota dos Peregrinos*. Tradução de Margarida Vale do Gato. Lisboa: Tinta-da-China, 2010.